





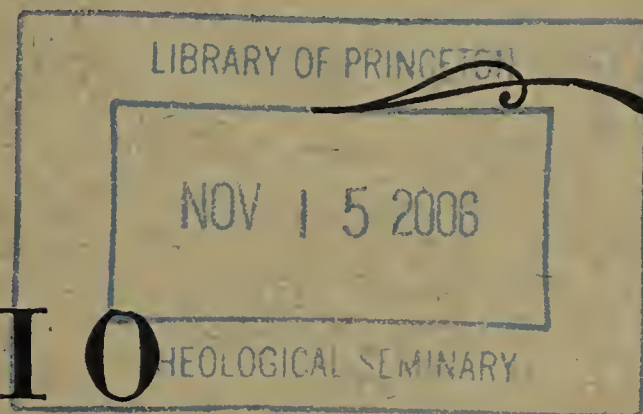


LAP

# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :  
CAIRBAR SCHUTEL



## SUMÁRIO

O Notável Trabalho do Espiritismo	<i>Redação</i>
A Vidente de Prevorst . . . . .	<i>Dr. Francisco Klörs Werneck</i>
A Obra de Geley . . . . .	<i>Ismael Gomes Braga</i>
Congressos e Confraternizações . . . . .	<i>J. B. Chagas</i>
Apêlo Fraternal aos Católicos . . . . .	<i>Mariano Rango D'Aragona</i>
Fenômenos de Materialização . . . . .	<i>Amadeu Santos</i>
1.º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil . . . . .	<i>Leopoldo Machado</i>
Impressões de Leitura . . . . .	<i>Luiz Dantas</i>
Visão e Identidade . . . . .	<i>Spártaco Banal</i>
Livros e Autores . . . . .	<i>Leopoldo Machado</i>
Crônica Estrangeira . . . . .	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil . . . . .	<i>Redação</i>











# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ≡ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

## O Notável Trabalho do Espiritismo

**N**ENHUMA doutrina religiosa ou filosófica conseguiu entrar em tão pouco tempo no conceito das criaturas independentes e amigas da Verdade como a Doutrina Espírita.

O ocultismo, que data de milhares de anos antes de Jesus Cristo e que tem como mestres os mais ilustres filósofos orientais, como por exemplo Krisna, Budha, Confucius, apesar dos seus ensinamentos espiritualistas, evoluiu morosamente, cedendo terreno às religiões que, embora se afirmando cristãs, estão mais próximas do materialismo do que do espiritualismo. Referimo-nos à religião católica romana e ao Protestantismo, cujos dogmas e cultos externos impedem o livre exercício do raciocínio, embrutecendo pelo fanatismo e a superstição os seus incautos adeptos, do que resultou a descrença que lavra nos indivíduos, facto êste comprovado pelo actual estado de coisas que salta aos olhos de todos : desassosse-

go e justificadas apreensões em face dos prognósticos de nova e tremenda guerra entre as nações ; a ambição desmedida de negociantes inescrupulosos e sem coração, cujo único desejo é abarrotar os seus cofres, mesmo que seja à custa da miséria e das lágrimas dos seus semelhantes ; a deshonestidade de governantes, autoridades e funcionários, que só cuidam do conforto pessoal em detrimento de suas obrigações.

Se o ocultismo parece estar com a sua ação restrita a um determinado número de adeptos, principalmente entre os povos ocidentais, o *catolicismo* e o *protestantismo* não lhe ficam atrás, e isto porque as suas fileiras estão se contraindo em virtude dos claros abertos pela debandada dos que vêm nos seus dogmas e cultos exteriores um contrassenso lamentável em face da razão e dos factos.

As primitivas doutrinas espiritualistas contam com milhares de anos, o *catolicismo* com mil e trezentos anos mais ou menos, o *pro-*



*testantismo* com quatrocentos anos e o Espiritismo com um século apenas. Se fizermos um balanço do trabalho, das realizações e das obras de beneficência social das doutrinas e religiões mencionadas, veremos que o Espiritismo fez muito mais em um século do que as suas competidoras em milhares e centenas de anos.

A não ser iniciativas particulares, as religiões *católica* e *protestante* só ergueram templos aos milhares, alguns importando em milhões de cruzeiros, unicamente para os sacerdotes exercerem a rendosa profissão de ganhar muito sem o menor esforço, em detrimento dos interesses morais e espirituais dos seus milhões de profittentes.

Entretanto o Espiritismo, pelos seus factos comprobativos da Imortalidade e pelos seus ensinamentos, vasados na moral cristã, está fazendo de cada Centro, grupo ou sociedade espírita, uma colmeia de trabalho, onde a prática da caridade é a ordem do dia e constitúe o seu principal programa.

E' dos dirigentes e associados das sociedades espíritas que partiu a idéia da fundação de Asilos, Sanatórios, Maternidades, Escolas Profissionais, Creches, etc., que tantos e incalculáveis benefícios vêm prestando a milhares de velhos, mães e crianças abandonadas e de enfêrmos e obsedados. Além disso milhares de pobres recebem diariamente roupas, gêneros alimentícios e remedios. Do Espiritismo não parte só a palavra que ilumina, conforta e cicatriza as chagas da alma, mas até o pão e a vestimenta materiais, a exemplo de Jesus, que depois de escl-

recer cérebros e confortar corações aflitos, multiplicava pães e peixes para saciar a fome dos seus milhares de ouvintes.

Em vista da estagnação das doutrinas e religiões milenárias temos motivos de sobra para afirmar que o Espiritismo já não é mais a religião, a filosofia e a ciência do futuro, como dizem. E' do presente, porque a sua luz já penetra em todas as almas, encarnadas ou desencarnadas, iluminando-lhes a longa e gloriosa estrada da vida eterna.

O notavel surto progressista do Espiritismo em tão curto lapso de tempo, resulta de dois factores, que constituem a base da sólida estrutura dessa incomparavel doutrina: os factos espíritas, que provam à saciedade a existência do espírito e sua sobrevivência à morte do corpo somático, abrindo à ciência nova senda na solução de múltiplos problemas que tanto vêm preocupando os cientistas nos seus justos desejos de beneficiar a humanidade; e os ensinamentos morais e filosóficos à luz do Evangelho, cujas explicações no seu lato sentido espiritual vêm erguendo almas do lodaçal da perdição, transformando creaturas de má índole da mesma maneira que Jesus transformou água em vinho nas Bodas de Caná, dando ao descrente a fé que ilumina e a esperança que anima e conforta o viajor terreno em demanda dos seus gloriosos destinos.

Do exposto, se conclue sem grande esforço de imaginação que ao Espiritismo e aos seus fieis seguidores está aféta a gigantesca tarefa de fazer imperar no mundo, pela fôrça da lógica dos factos, aos



influxos do amor fraterno, que é a base da compreensão entre os indivíduos, as nações, governantes

e governados, aquela paz e aquela felicidade que todos indistintamente almejam.

## A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

### CAPÍTULO XV

#### Exteriorização do corpo fluídico

Naquêl mesmo dia de 2 de maio, de que falamos acima, ás 9 horas da noite, durante o seu sono, exclamou a Sra. Hauffe: «Oh, meu Deus»; depois acordou como se sacudida pela sua própria exclamação. Ela disse então que acabára de ouvir duas vozes saídas de si mesma. Na mesma hora em que tal facto se produzia, o Dr. Fohr, de Bottwar, o médico que prestára seus cuidados ao falecido e que se achava com um tio da Sra. Hauffe no quarto contíguo ao em que jazia o corpo, ouviu as palavras «Oh, meu Deus» tão distintamente que ele foi ver quem lá estava, mas só viu o corpo do morto. O Dr. Fohr escreveu-me a respeito o seguinte: «Depois de minha chegada a Oberstfeld, onde se achava o Sr. W..., morto, ouvi, distintamente, do quarto vizinho ao em que se achava o cadaver, as palavras «Oh, meu Deus!». Pensei que elas proviessem do ataúde e que o Sr. W. estivesse em estado de morte aparente. Eu o vélei durante uma hora, até ficar convencido de que estava realmente morto. O tio dela não ouviu coisa alguma. E' certo que não havia nenhuma pessoa na parte da casa donde viera a voz».

Ela explicou isso, dizendo que o desejo intenso de saber como ia seu pai permitira sua alma acompanhar seu fluido nervoso até o lugar em que êle jazia e que o seu sentimento e os seus pensamentos, estando fixos no médico, resultára daí que pôde ele ouvir a exclamação proferida por sua alma, junto do caixão, exclamação que repetira ao retomar o corpo, quando a ouvira ela mesma.

Como os seus parentes me houvessem dito, um ano antes da morte do seu

progenitor, que, no começo do seu sono magnético, podia ela fazer-se ouvir pelos seus amigos, á noite, quando já estivessem eles recolhidos ao leito, na mesma aldeia, mas em habitações diferentes, por meio de golpes, perguntei-lhe, durante o seu sono, se ainda podia fazê-lo e a que distância. Respondeu-me ela que ainda o conseguia algumas vezes e que, para o espírito, não havia distâncias.

Pouco depois disso, estando os nossos filhos e os criados já adormecidos, ouvimos no momento de deitar-nos, uma pancada parecendo dada no ar, acima das nossas cabeças. Seis golpes foram assim dados, em meio minuto de intervalo. Eram de um som surdo, mas claro, suave e bem distinto. Nossa casa era completamente isolada e estávamos bem certos de que eles não poderiam provir de pessoa alguma perto ou acima de nós. Na noite do dia seguinte, quando estava adormecida, embora não tivesse falado dêsse facto a quem quer que seja, ela me perguntou se eu queria que os repetisse para nós. Como me dissesse que tal coisa a esgotava, recusei. Ela me disse a seguir que tais golpes eram produzidos, no ar, pelo espírito e não pela alma, mas que a voz ouvida perto do caixão de seu pai se produzira quando sua alma deixára o corpo, ao mesmo tempo que o espírito, sob a influência dos sentimentos intensos que a animavam.

Tais fenômenos não nos surpreenderão se nos lembrarmos que os moribundos, quando o espírito já se afastou, mas a alma ainda está ligada ao corpo, têm a faculdade de aparecer, com os seus traços característicos, a seus amigos, em lugares afastados. E' assim que um parente do meu amigo, o Dr. Seyffer, lhe apareceu no momento da morte e que o príncipe



Hohenlohe appareceu ao Dr. Oesteler, seu colega da Academia.

O seguinte notável caso me foi narrado por pessoa absolutamente digna de fé.

O Sr. Hubschmann, de Stuttgart, tinha o pai em Bothnia e um irmão em Strasburgo. Ora, aconteceu que certo dia, ao amanhecer, os filhos do Sr. Hubschmann o acordaram, a gritar «Vôvô, vôvô, vôvô chegou!» O Sr. Hubschmann olhou para todos os lados e nada viu. Êle interrogou os filhos que lhe affirmaram, peremptoriamente, que seu avô estava de facto ali, mas que não sabiam para onde se fôra. Alguns dias após, o Sr. Hubschmann recebeu uma carta de seu irmão, perguntando-lhe, inquieto, se tivera alguma notícia de seu pai, porque certo facto recente o deixára vivamente alarmado. Com effeito, no dia e na hora, que correspondiam com a ocasião em que as crianças tinham proferido a exclamação, tinha visto seu pai no momento em que, pela manhã, entrava no seu *atelier*. Oito dias após chegava a notícia da morte do velho. Êle morrera justamente na ocasião em que apparecera aos seus, em Stuttgart e Strasburgo.

O Dr. Bandili, moço cheio de talento, que partira para a América, se dedicára ao estudo de línguas e matemáticas. No dizer de seus próprios amigos, não era propenso a acreditar nas coisas espirituais, mas lhes disse, na última carta que lhes escreveu e que eles guardam ainda, o seguinte: «Acaba de me acontecer a coisa mais extraordinária. Meu amigo Elwert, que morreu no Wurtemberg há nove anos, me appareceu e me disse: «Você morrerá breve!» e, o que é mais estranho, é que o dia de sua aparição foi precisamente o dia do aniversário de sua

própria morte». Pouco depois de haver escrito tal carta, faleceu o Dr. Bandili, de modo inteiramente inesperado.

A Sra. Hauffe me contou que pouco tempo antes ela se vira sentada num tamborete, de vestido branco, quando se achava deitada na cama. Fixou o olhar sobre essa aparição e quis gritar, mas não pôde, porque, quando fazia esforços para isso, foi ela gradualmente desaparecendo. Disse que, em tal ocasião, a sua alma deixava o corpo, mas que o espírito permanecia nêle.

Em 28 de Maio de 1827, à meia noite, quando eu estava perto d'ela, viu-se, como antes, sentada no tamborete, com roupas brancas que possuía mas que não usava. Tentou gritar, mas lhe foi impossível gritar ou mover-se, sem ver outra coisa que aquilo em que fixára o seu olhar. Quando olhava assim, sua mente só era absorvida por uma idéia que jamais teve e que se resumia no seguinte: Um dia passado no céu vale milhares de anos passados aquí na Terra».

O fantasma se levantou e se dirigiu para ela. No momento em que chegou perto, um choque eléctrico percorreu-lhe todo o corpo, como tive ocasião de verificar. Ela soltou um grito de espanto e me contou o que acabara de vêr. Ela se viu assim, ainda em outras ocasiões. Dentre ellas, certa vez, nada tendo percebido, passei entre a Sra. Hauffe e o fantasma e ela me disse em seguida que, isso fazendo, eu lhe causára forte sensação, como se a tivesse separado violentamente da sua alma.

Nada direi aquí a respeito de tais visões, nem do caso em que o fantasma foi visto por outros. Todos esses phenomenos só são casos de dupla vista.

*A doutrina da liberdade que temos de escolher, em nossas existências e as provas que devemos sofrer deixa de parecer singular, desde que se atenda a que os Espíritos, uma vez desprendidos da matéria, apreciam as coisas de modo diverso da nossa maneira de apreciá-las. Divisam a meta, que bem diferente é para êles dos gozos fugitivos do mundo. Após cada existência, vêem o passo que deram e compreendem o que ainda lhes falta em pureza para atingirem aquella meta. Daí o se submeterem voluntariamente a todas as vicissitudes da vida corpórea, solicitando as que possam fazer que a alcancem mais presto. Não há, pois, motivo de espanto no facto do Espírito não preferir a existência mais suave. Não lhe é possível, no estado de imperfeição em que se encontra, gozar de uma vida isenta de amarguras. Êle o percebe e, precisamente para chegar a fruil a, é que trata de se melhorar.—ALLAN KARDEC.*



# A OBRA DE GELEY


 Ismael G. Braga

## — VIII —

Geley declara que a concepção, a que os factos o conduziram, não é nova. Diz :

«Estas concepções não são novas. Sabe-se que Pitágoras e Aristóteles distinguiram do corpo o dinamismo vital, a que chamavam *Psique*, e, da *Psique*, o dinamismo-psiquismo mental que designavam pela palavra *Nous*.

«Do mesmo modo os vitalistas, os espiritualistas da antiga escola e os animistas, admitiam categorias análogas; contudo, há uma grande diferença entre as idéias antigas e a moderna: a nova idéia se baseia sobre factos e se demonstra pelos factos...»

Não há dúvida que a partir de 31 de Março de 1848 os factos se multiplicam para quem os queira estudar e surge uma nova filosofia, realmente científica, pois que baseada em factos. Essa filosofia não está ainda totalmente formada, porque tem que lutar contra os preconceitos de escola. Geley é, até hoje, quem mais trabalhou para apresentar um corpo de doutrina filosófica na linguagem da ciência oficial. Kardec seguiu um caminho mais produtivo: falou aos simples e bons, deixando de lado os sábios e orgulhosos. «O Livro dos Espíritos» é um monumento filosófico imperecível, está crescendo sempre. Já atingiu no Brasil a 20 grandes edições em português e uma em Esperanto que vem sendo elogiada no mundo todo. Mas os cientistas ainda não lhe deram a devida atenção; porque não está vasado nos termos arrevezados da filosofia oficial.

A seguir, Geley passa a estudar o «eu» como dinamismo psíquico essencial e interroga :

«O «eu» é distinto de suas representações? Que é o «eu», à parte das representações? Até agora as respostas a estas perguntas eram puramente metafísicas.

«Consultemos os factos e busque-

mos em seu exame, só em seu exame, o que é o «eu».

«Diante dos factos, o problema se apresenta assim :

«O «eu» é, como ensina a psicologia clássica, a soma dos estados de consciência, ou é separável, concebível separadamente de tais estados de consciência?

«A resposta, como veremos, não deixa dúvidas: o «eu» não se confunde com os estados de consciência, mas, para compreendê-lo, necessita-se de fazer certo esforço. Não é muito difícil admitir que o «eu» não se identifica com o corpo material, mas é mais difícil admitirmos que não se identifica também com o «mental». Para distinguir o «eu» da representação mental é necessário modificar os hábitos intelectuais inveterados e recorrer a todo o rigor do raciocínio, para ir além do «penso: logo existo», e admitir: «eu sou ainda com exclusão dos meus pensamentos. Estes me representam, porém as minhas representações mentais não constituem todo o meu ser». Contudo, baseando-se nos factos, nada há mais certo. O raciocínio é claro e preciso: Se o «eu» fôsse apenas a soma dos estados de consciência, não se poderia compreender como, estando intactos estes estados de consciência, o «eu», que seria sua síntese, poderia perder o que há nele de mais importante, mais essencial: a noção da unidade e a possibilidade de seu controle sobre a síntese psíquica. Contudo, é facto corrente que essa integridade dos estados conscientes coexiste com a desapareição da unidade sintética e da direcção centralizadora.

«A diminuição ou o desaparecimento da comprovação do «eu» está na base de toda a psicologia anormal, de todas as anomalias psicológicas coexistentes com a integridade anátomo-fisiológica dos centros nervosos. Quer se trate de uma neurose pura, como histeria, de loucura essencial, de hipnotismo, de desdobramento da personalidade ou de mediunismo, sempre, e antes de tudo, se comprova um fenómeno primitivo, a desapareição do do-



mínio da direção centralizadora do «eu». Nas perturbações histeriformes e na loucura essencial, os estados de consciência estão e permanecem longo tempo intactos. As faculdades, consideradas isoladamente, não estão extintas: a memória, a imaginação, o sentimento, etc., são os mesmos; o que falta é a direção central que cedeu seu posto à anarquia ou à poliarquia.

«Na hipnose, no desdobramento da personalidade, no mediunismo, as faculdades e conhecimentos, os estados de consciência mais variados, os processos mentais conscientes ou subconscientes, persistem integralmente; porém a direção central habitual do «eu» desapareceu para ceder seu posto a uma direção heterogênea. Em uma palavra: os estados de

consciência, as faculdades, as capacidades, os conhecimentos, podem dissociar-se, separar-se do mais essencial que há no «eu»: a consciência de sua unidade e de sua realidade.

«Logo, o «eu» é distinto dos estados constitutivos que nô-lo representam».

Depois de outras considerações, o autor resume: «O «eu» real condiciona e dirige o dinamismo psíquico mental».

Deixa assim, claro, que o Espírito possui faculdades, mas não se confunde com suas faculdades. Não confundamos, pois, o músico com o piano, nem com as harmonias que produz ao piano; porque ele existe sem piano e sem música.

## Congressos e Confraternizações



Considerando que, nos dias que correm, estão atribuídas aos espíritas grandes responsabilidades, quanto ao porvir da Humanidade, pelo esclarecimento já recebido e por uma melhor compreensão das coisas e dos homens concedida pelas luzes do Consolador, impõe-se a nós outros o dever imperioso de trabalharmos com mais afinco em prol da implantação na Terra, da Fraternidade Cristã.

Diante do grande surto do movimento de confraternização que vai empolgando, no presente, algumas cidades, muito especialmente no Estado do Rio de Janeiro, com a realização de visitas, semanas e congressos, com êsse grandioso objetivo, e a julgar pelo entusiasmo que essa nova modalidade de propaganda do Espiritismo está despertando no meio espírita, teremos, dentro em breve, o ambiente doutrinário nacional completamente modificado, para melhor.

Até no Espaço impera, entre os desencarnados, um movimento de intensa alegria por mais esta realização dos espíritas.

Assim é que, sob os melhores auspícios, vem de ser encerrado o II Con-

gresso de Confraternização de Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro. Êste Congresso realizou cinco reuniões, em cinco cidades diferentes: Niterói, Nova Friburgo, Petrópolis, Barra do Piraí e Nova Iguassú.

Cronista oficial do Congresso, por gentileza da Comissão Organizadora, pude assim observar muito de perto o desenrolar dos trabalhos, resultando, como fruto dessa observação, a idéia de propôr aos orientadores desses conclaves uma ligeira modificação no método dos trabalhos, a qual reputo importante — que esses congressos não sejam apenas de confraternização; que eles devam colimar um sentido mais objetivo, ou seja, mais prático, pelas conclusões a que houver chegado cada um deles, e que, em consequência dessas mesmas conclusões, resultem algo de proveitoso para um melhor aproveitamento dos meios e métodos a serem aproveitados para a difusão, estudo e unificação das normas doutrinárias do trabalho espírita nas agremiações, em seus variados setores, como uma natural compreensão do esforço isolado de todos aqueles que vêm trabalhando denodadamente para a consecução dêsse ideal su-



perior, estereotipado por Jesus no: — «Amai-vos».

A idéia tomou corpo e foi então apresentada na reunião ordinária da Confraternização Espírita «LAR DE JESUS», uma das pioneiras desses movimentos, que a aprovou, autorizando-me a iniciar o trabalho da sua difusão no meio espírita, principalmente no Estado do Rio, para conhecimento dos interessados, afim de receber as sugestões necessárias.

Assim é que deverá ser endereçada dentro em breve uma circular aos espíritas em evidência e mais influentes nas cidades fluminenses, muito especialmente áqueles que estão à frente das instituições locais, onde o assunto será suficientemente esclarecido.

Na circular aludida, será proposta a criação, nas cidades fluminenses, que se convencionou chamar de *idades-tronco*, de um movimento interno de confraternização, entre as cidades próximas, com o indispensável rodizio de sédes, para a realização de uma reunião mensal de confraternização, na qual atuarão crianças, jovens e adultos, homens e mulheres, a exemplo dos já existentes.

A própria índole do Espiritismo e a necessidade de incrementar a socialização cristã, decalcada nos ditâmes espiríticos, estava a exigir um movimento assim, com essa característica de expansividade no sentido excêntrico, isto é, partindo do centro para a periferia, sempre e cada vez mais sucessivamente progressivo, dada a imensidade do território do Estado. Não se poderia compreender, mesmo, como seria possível atingir o alto conceito preceituado no *Amai-vos*, por Jesus, ficando cada espírita isolado nas quatro paredes do seu centro.

Doutrina evolutiva, por excelência, que «se modificaria em qualquer dos seus postulados, para aceitar uma nova descoberta, comprovadamente reconhecida como verdade» — como afirmou o seu Codificador, não poderia, por certo, ficar

acorrentada a velhas práticas e velhos hábitos. Ainda mais, tendo em vista, ter o próprio *Allan Kardec*, dito também, que do Espiritismo «se havia dito a primeira palavra, mas que a última jamais seria proferida!»

A princípio, tal iniciativa será posta em prática, no caso da anuência dos núcleos consultados, apenas no Estado do Rio, pois, a êste cabe a primazia da idéia das reuniões de confraternização, todavia, poderá ser de futuro, adotada nos demais Estados, dentro das mesmas previsões que forem estabelecidas. E dêsse apôio que certamente virá, como é óbvio, dependerá, em grande parte, a vitória final da Doutrina Espírita na Pátria do Evangelho e Coração do Mundo!

Em linhas gerais, o plano de confraternização, a ser proposto, abrangerá confraternizações mensais entre as cidades mais próximas das cidades de maior população, aquí denominadas *idades-tronco*, congressos anuais, variando de localidade de ano para ano. Êste congresso reunirá os representantes de todas as *idades-tronco*, cujas teses versarão de preferência sobre os factos de observações locais das demais cidades, visando a unidade doutrinária.

Um gráfico que será anexado à dita circular, já referida, esclarecerá melhor o assunto, no tocante ao Estado do Rio.

Êste trabalho será publicado em vários jornais espíritas, de preferência, os de maior circulação, afim de que possam os interessados tomar conhecimento do assunto nêle ventilado, enviando, sugestões a respeito, as quais serão sempre recebidas com satisfação.

Maiores detalhes, os interessados poderão obter com a pessoa cujo endereço é abaixo mencionado, a qual está encarregada do expediente na presente emergência.

J. B. Chagas.

*Rua Getulio Vargas, 167, Estado do Rio, Nova Iguassú.*

---

*Aumentai os vossos esforços no sentido de realizar obras de caridade, o que, a par dos fenômenos que produzimos no vosso mundo, muito contribuirá para despertar a atenção dos indiferentes, servindo-vos ao mesmo tempo de um dos mais legítimos meios de defesa, quando atacados pelos mercenários da ciência e da religião. Prêgai e fazei a caridade, para que o vosso trabalho na seâra se complete de acôrdo com os preceitos de Jesus. — CAIRBAR.*



# Apêlo Fraternal aos Católicos

MARIANO RANGO D'ARAGONA

Recentemente, a «Prensa», de Buenos Aires, publicava um longo telegrama de Oxford, Inglaterra, onde relatava uma clamorosa conferência pública dos «eclesiásticos evangélicos», sôbre o momento atual da humanidade e a necessidade urgente de fraternizar as «igrejas cristãs» para uma ação simultânea em defesa do restabelecimento da paz universal.

O telegrama reproduzia o discurso do secretário geral, reverendo A. T. Honggton, da «Sociedad Misionera de la Iglesia Biblica Internacional», que conta com milhões de adeptos em todo o mundo. O orador, elevando um hino de entusiasmo ao outro movimento permanente de todas as igrejas cristãs, em Londres, pela unificação geral dos «evangélicos», que representam quase 500 milhões de adeptos, lamentava, vivacíssimo, a ausência da igreja católica romana, que conta sómente com 350 milhões. Por amor ao grito de Jesus: «Amai e Perdoai», não transcrevo as acusações que o conferencista lançava ao Vaticano, sendo suficiente lembrar o pacto de Latrão, que ligou o catolicismo ao fascismo.

Quero, unicamente, demonstrar que nós, espíritas, somos mais prudentes e generosos para com toda a espécie de adversários, mesmo quando êstes nos atacam rudemente, até incitando o Governo Nacional a fichar-nos na Polícia, secção de criminosos. Eu fui três vezes fichado.

Vamos ao positivo. Desde o acontecimento histórico da III Revelação, mais ou menos um século atrás, é que continua a revolucionar luminosamente o mundo espiritual, primeiro com a *lei divina de reencarnação, que permite-a cada criatura reviver tantas vezes quantas necessárias para purificar-se*; e, segundo, a *destruição do inferno, que liquidava o amor e a misericórdia de Deus*.

Estamos convidando os irmãos católicos para que se aproximem de nós apenas para estudar, experimentar e constatar a razão do Espiritismo, assim como fazem, diariamente, milhares e milhares de cientistas, também para combater a ignorância, a superstição e a paralisia do progresso intelectual humano. E, para de-

monstrar aos nossos adversários, que respeitamos e até veneramos os médiuns católicos, que iluminaram o mundo com os mesmos fenômenos reveladores do Espiritismo, sempre que se tornar necessário citarmos êstes médiuns que, na qualidade de santos, o catolicismo pôs nos altares. Os efeitos não são os mesmos, entre os dois campos: católico e espírita?

De facto, nenhum de nós negou que Santa Tereza, São João de Copertino, Santa Coleta, São Bernardo, etc., liam o segredo das consciências individuais à distância, sem serem «demoníacos». Nem qualificamos de «tais» Santa Brigida, Santa Catarina da Ciena, etc., que pelo olfato distinguiam a qualidade dos pecadores. E ainda não qualificamos de «tais» Santo Afonso, Santo Ambrósio, Santo Antonio de Padua, a beata Anna Emmerich, etc., médiuns de telepatia, psicometria e exteriorisação. Tanto menos do pároco de Ars, de São Pasqual Bailão, da beata Eustocia, de Santa Teréza de Avila, etc., médiuns de escrita, de transportes, tipitologia e, enfim, as curas assombrosas de D. Bosco, rev. Strambi, etc., que chegavam a curar doentes, apropriando-se das moléstias dos mesmos.

Ora, se nós, espíritas, longe de sermos sectários, admitimos e veneramos os médiuns do catolicismo, por que êste cada dia e cada hora nos aponta ao desprezo público, aos rigores das autoridades, aos anátemas? Onde está o grito de Cristo: «Amai e Perdoai?» Não vê o catolicismo que nós estamos enchendo o Brasil de asilos para os velhos, creches para meninos abandonados, dormitórios noturnos, escolas, refeitórios, roupas para a infância, manicômios, hospitais, etc., etc.? Por que tanto ódio e tanta ingratidão?...

Há mais: se os cientistas ateus, como Lombroso, Morselli, Richet, Renan, Guizot, Rochas, e o mesmo jesuíta Gemelli, bem como o grande escritor católico, professor Luciano Roure, curvaram-se, respeitosos, diante dos fenômenos mediúnicos do espiritismo, é possível que sómente o catolicismo, sem estudar, analisar e raciocinar, os qualifica inexora-



velmente de «demoníacos», condenando até os cientistas que os assistem?

Estamos ainda nos tempos das fogueiras, nas quais Bruno, Vanini e muitos outros prescrutadores da vida universal foram queimados vivos, sómente porque se rebelaram em acreditar a terra como único planeta habitado?

E, todavia, para concluir, pacífica e evangelicamente, no século da luz e da razão, nós, espíritas, estamos ainda e sempre dispostos a discutir com os nossos irmãos católicos, para chegarmos a um acôrdo que, como no congresso cristão permanente, de Londres, se conclua pela liberdade e o respeito do pensamento, na base pura e simples de Jesus, em um pacto de tolerância e de fraternidade.

A hora o exige, para acabar com o fratricídio, que continua destruindo, empobrecendo e depravando a humanidade.

E oferecemos, desde já, em nome de todas as associações espíritas do Brasil, calculadas, até hoje, de nove a dez milhões de adeptos, com mais de dois

mil centros de propaganda e de caridade, todos guiados e fiscalizados por companheiros catedráticos, profissionais, até militares, oferecemos, eu dizia, uma série de conferências públicas, em lugares apropriados, com o direito pleno e absoluto de os católicos intervirem e discutirem em contradição.

Garantimos a maior liberdade de palavras e o respeito aos mais intransigentes oradores adversários, sob a nossa responsabilidade individual e coletiva.

Mas, queremos a «Discussão pública».

O grande Victor Hugo dizia: «os maiores ideais, como o de Cristo, se sagram no altar do sacrifício.» Assim é o nosso ideal, que chegou a deixar ficar os nossos maiores missionários como criminosos. Onde há um ideal cristão, que até hoje, como o nosso, sofreu e sofre as mais insidiosas acusações dogmáticas? Nem os «mortos» foram e são respeitados.

Que Deus de amor e misericórdia ilumine os nossos irmãos católicos.

## ☉ Fenômenos de Materialização ☉

XV

Com a ausência do médium principal, desenvolvido, que entrou num período de repouso, fóra desta Capital, os trabalhos de tratamento astral não se tem caracterizado com a produção de fenômenos de materialização, em virtude dos médiuns em desenvolvimento, que se tem prestado, de boa vontade, à tarefa de se dedicarem ao alívio aos sofredores, não oferecem ainda, aos espíritos desincarnados, os elementos de que carecem para a realização de tais fenômenos. Todavia, grandes coisas se tem desenrolado nessas proveitosas sessões, quer pelo não pequeno número de casos de cura de enfermidades físicas rebeldes, quer pela produção de fenômenos de efeitos físicos outros, transcendentales, como o de voz direta, de fôcos luminosos, etc. Aliás já chegaram a se notar fenômenos ligeiros de semi-materialização, em duas ou três sessões, os quais puderam ser observados pela assistência, distinguindo-se vultos de forma huma-

na, constituídas de uma espécie de vapor diáfano, quasi irradiante. O querido espírito de Cairbar Schutel, durante três sessões consecutivas, fez eloquentes e oportunos comentários de assuntos palpitantes do Novo Testamento. Abel Gomes, David, Scheila, João de Deus, Pedro de Alcantara e Auta de Souza tem-nos mimoseado com bellíssimas poesias, por voz direta, sendo de lamentar a falta de um taquígrafo, para que essas verdadeiras joias poéticas e literárias, vassadas em temas evangélicos, pudessem ser divulgados para instrução e consôlo de muitas pessoas. O infatigável José Grosso, tem-nos brindado com tanta quadrinha que, aproveitadas, dariam para publicar um volume. André Luiz, Garcês, Padre Manoel de Carvalho e Artur Monteiro tem-nos dado bellíssimas lições evangélicas, também por voz direta. Numa das últimas sessões, na qual estava presente o estimado confrade e distinguido poeta repentista Sebastião Lasneau,



houve um verdadeiro duelo de poesias improvisadas, entre êste e o José Grosso. Nessa noite, depois de nos oferecer uma expressiva quadra, o espírito de Claudino Dias, sogro do aludido poeta e antigo espirita barense, desincarnado faz já muito tempo, comentou uma passagem evangélica que um elemento da Juventude «Abel Gomes» havia externado, a

qual deixou os assistentes em suspenso, com a justeza dos seus conceitos, a beleza e a expressão da forma e, sobretudo, a elevação dos ensinamentos revelados. Na reunião seguinte, durante a qual se constatou intensa vibração, o inolvidável espírito de João de Deus, deixou-nos o seguinte poema intitulado — «Irmãos, Avante», que se segue:

«Nêste momento,  
Nêste recinto,  
Em pensamento,  
— Eu o pressinto! —  
O bem se faz.  
Eu vos desejo  
Que, com alento  
A santa paz  
Tenhais, de certo;  
E o campo aberto  
A' caridade  
A' sã vontade  
De trabalhar,  
Possais nutrir  
E o despertar  
Do vosso sêr  
Para o dever  
Possais sentir.  
Mãos, pois, à obra,  
Que o bem vos sobra!  
Irmãos, Avante  
Fugindo à morte,  
A todo o instante,  
De ânimo forte,  
Buscando a vida  
Do puro amôr  
Do Salvador  
Da humanidade  
A lei sublime  
Da Caridade,  
Que nos redime,  
Que nos desperta  
E nos liberta  
Da atroz maldade!  
Vamos confiantes  
E vigilantes,  
Sempre seguindo,  
Mesmo carpindo  
E sempre amando,  
Prosseguiremos  
Fazendo o menos  
Quando não seja

Fazendo o mais  
Que enfim se veja,  
Para que o bem  
Seja também  
Dos pobrezinhos  
— Nossos iguais —  
E enfim a cruz  
Dos seus caminhos,  
Já sem espinhos,  
Cheios da luz  
Do Santo Amor  
Do Bom Pastor  
— O BOM-JESUS —  
Tenham na vida;  
E uma bonança  
Na sua lida,  
Com esperança  
Enternecida  
De eloquência  
Lhes aprimorem  
E revigorem  
A consciência;  
Que na amargura,  
Na desventura  
Contém, de certo,  
De si bem perto,  
A luz ideal  
Dêsse fanal  
Austéro e augusto  
Da sã Doutrina  
Que não fulmina  
Màs ilumina,  
Quer dando alento,  
Quer bom sustento,  
Novo alimento  
Espiritual,  
Franco e Leal  
Ao ímpio e ao justo,  
Se bem que a custo  
Lhes esclareça  
Suas razões;  
Mas que afinal

Se estabeleça  
E permaneça  
Bem lá no fundo  
Dos corações,  
E um novo mundo  
De paz e amor  
Como uma flor  
De bom perfume,  
Lhes dê o calor  
Do santo lume  
Sem azedume  
E sem perigo  
Do grande abrigo  
Da luz da Fé  
Da sacrossanta  
Lei que alevanta  
E faz vibrar  
E até encantar,  
Graças à Luz  
DO BOM-JESUS  
De Nazareth!  
Dái-vos, irmãos,  
As vossas mãos!  
E' o que vos pede  
Nêste tão breve  
Voto que externa,  
De coração,  
O vosso irmão,  
Que a luz eterna  
Vos ilumine,  
Também desperte  
E vos liberte  
Do mal, do crime,  
Sãos os desejos  
Sonhos e almejos  
Os votos meus,  
Com muito amor,  
Muito vigor  
Do coração  
Do vosso irmão

*João de Deus».*

Como se vê, uma rica mensagem poética, por via mediúnica, composta de 125 versos, de quatro sílabas métricas, perfeitamente rimados e metrificados. Depois de recebermos a

referida mensagem, o José Grosso, após se fazer notado por uma de suas costumeiras gargalhadas características, perguntou, aos presentes, se queriam ganhar um doce. O Rodrigo e



o Jacques, apressados, responderam pela afirmativa. Então — diz êle — para fazerem jús ao presente, façam em dez minutos o que João de Deus fez em cinco! O Vitorino, que até então se conservara calado, retrucou: «Isso é impossível». O José disse-lhe então: «tu és muito sabido, porque, sendo

poéta, não te arriscaste a fazer uma tentativa!» Logo em seguida terminava esta bela sessão do «André Luiz», cheia de atrativos, de novas surpresas agradáveis e de resultados satisfatórios.

Amadeu Santos.

## 1.º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil

Uma desculpa que implica maior culpa

Ainda bem que REFORMADOR se dignou de dizer das «razões fortísimas» por que não topou o *Congresso de Mocidades Espíritas*.

De dizê-lo a meias-tintas e respondendo cartas de outros, que os dois «velhos amigos e companheiros» não lhe mereceram a honra da menor resposta em regra.

Nem por isso deixa de ser uma resposta ao que pedimos, sem indiretas e meias-tintas, em nosso escrito, ONDE IDES, MOCIDADE LOUCA DO BRASIL? e no último artigo inserto nesta Revista.

A *superioridade em tudo* de *Reformador* não lhe permitira descer à nossa inferioridade.

Pois, subamos nós, de nossa inferioridade até sua explicação.

Inferioridade tão grande a nossa, que dispensa indiretas e meias-tintas para dizer as coisas, sempre respeitosa, mas, como as coisas são.

Aquí estão, senhores, as razões «ultra-sensatas», por que os ilustres dirigentes da «Federação Espírita Brasileira» não toparam a parada do Congresso: «...vimos informar os nossos leitores de que a Federação deixou de aceitar o patrocínio do Congresso, porque a «União das Juventudes Espíritas do Distrito Federal», sociedade em cujo seio se encontram reunidos elementos jovens e de raro valor doutrinário e intelectual, não julgou oportuna a realização do referido Congresso».

Esta, a razão fundamental, que o restante, a despeito de tratar seus «hóspedes e inquilinos» como a mais perfeita organização juvenil do País, são colorários do que aí está, como se póde ver à

página 30 de REFORMADOR de Fevereiro.

E temos, inicialmente, uma *infallibilidade* maior emprestando autoridades e perfeições «indiscutíveis» a uma *infallibilidade* menor.

Que espíritas desapaixonados (uma coisa triste, a paixão no espírita!) criteriosos e sensatos analisem o que está em REFORMADOR. E que nossa inferioridade «cometa o pecado gravíssimo» de lembrar ao grupo de «infallíveis» o seguinte:

A' luz dos Evangelhos, «a cada um segundo as suas obras, e digno é o operário do seu salário».

Ora, para o caso presente, é nenhuma, ainda, a obra da Federação, para se expressar com tanta «autoridade». E menor, ainda, a do grupo de jovens que se reúne sob seu teto, por maior que seja a sua cultura doutrinária. E nem um, nem outro são, ainda, operários dignos para salário tamanho. Por isso é que o julgaram inoportuno. Inoportuno ao merecimento de ambos, é óbvio.

— Mas, porque procuramos a Federação, para entregar-lhe a direção do Congresso? perguntareis.

A história conta-se, sem meias-tintas, assim:

Um de seus ilustres diretores dissera a um querido irmão e amigo que «a Federação precisa desbancar o movimento do Leopoldo», no setor das *Juventudes*.

Se não foi isto, teria sido coisa igual, sinão pior do que isto.

Ora, como o Congresso não é obra nossa, pessoal, e para sermos desbancado por uma instituição que dispõe de recursos e importância para fazer mais e melhor do que nós, corremos a procurá-la.

E em nossa companhia, o espírita mais insuspeito e ponderado, sôbre exer-



cer, no *Conselho Deliberativo* da Instituição, encargo platônico que já exercemos.

E porque procurámos a Federação e não a *sua União de Juventude*?

Além da razão maior aí exposta, houve mais duas de marcante relevo, em contrário:

Não acreditamos que nenhum movimento jovem, por si só, sem a experiência e o apôio dos mais velhos e experimentados, possa levar a termo empreendimento de tal monta. Ainda os mais antigos, menos intolerantes e de serviços maiores prestados à causa...

E afigurou-se-nos que o caso devia, inicialmente, interessar, primeiro, ao *proprietário ou dono da casa*, que não a seus «inquilinos», a seus «hóspedes», visto como, quando procurámos o ilustre Presidente da Federação sobre o assunto, disse-nos êle que a Federação não se interessava pelo movimento de *Juventudes*; que os moços ali estavam como seus inquilinos ou hóspedes, pois a ilustre Instituição apenas lhes cedera a sala, e nada mais.

Vemos, agora, que a coisa mudou muito.

A Diretoria da Federação já se interessa pelas *Juventudes* (quanto mais não seja, para atrapalhar um movimento que surgiu para realizar-se com o apôio e concurso de todos!) e seus *inquilinos* e *hóspedes* da véspera subiram a uma infalibilidade quasi igual a sua!

Parabens a ambas, que folgamos, sinceramente, com a evolução de ambas.

Mas, se *Reformador* conhecesse bem os outros movimentos e muitos jovens que vão por aí além, também conhecedores da Doutrina e sem totalitarismo algum, e mais tolerantes, não afirmaria que só *sua juventude* está à altura de orientar o Congresso.

Porque, se suas atitudes de confraternização e se seu espírito de liberdade são negativos para tanto?

Porque possuem uma personalidade jurídica, esta coisa ao alcance de todas as instituições que o desejem?

Damos, de nossa parte, maior importância à personalidade cristã, afirmada a atos e factos cristãos.

Porque funciona na Federação?

Ainda que a Federação federalizasse de facto, não seria o caso, que os grandes movimentos e as grandes verdades,

até hoje, sempre «partiram da periferia para o centro», é a lição da História.

Nem cremos, ademais, que a espíritos sensatos e de reta análise, alguns jovens inexperientes e convencidos possam reunir credenciais maiores do que 40 nomes dos mais respeitados no meio espírita do Brasil, para tomarem a frente, apenas, como força animadora, de um certamen.

Resta-nos, felizmente, uma consolação:

Não ha vaticanos nem cardiais no Espiritismo, a despeito de haver instituições e confrades que pensem em contrário.

Sairá o *1.º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil*. E ha de colimar, se Deus quiser, seus altos propósitos. Era movimento, repetimos, para interessar a todos os jovens e reunir todas as «*Juventudes*».

Para tanto — nós, que ainda não sabemos nos humilhar — tão grande é, ainda, nossa inferioridade! — nos humilhámos três vezes.

Não é por culpa nossa que o Congresso, que veio para unir mais, comece desunindo.

Outra consolação nossa: que já se fez no Brasil, de grande e novo, afóra as edições de livros magistrais, que já tivesse a iniciativa e o apôio dos ilustres confrades que dirigem a Federação?

Não podia, é claro, o *1.º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil* fugir à regra geral.

### Uma glorificação que desglorifica

Luiz Gomes da Silva, incontestavelmente o precursor do movimento de *Juventudes* no Brasil, merece de todos nós a glorificação a que fez jús.

E tê-la-á, brevemente, dos movimentos espíritas mais esclarecidos do País.

Mas, uma glorificação superior, cristã, sem segundas-intenções e sem veneno. Uma glorificação bem diferente da que lhe confere *Reformador*, número de Fevereiro.

Luiz Gomes da Silva veio como Paulo e plantou o movimento de *Juventudes Espíritas* no Brasil.

Outro irmão seguiu-lhe, posteriormente, as pégadas, e, como Apolo, regou a planta, semeiou seus frutos.

Luiz Gomes da Silva, inspirado do Alto, como o outro, pôs no seu progra-



ma de *Juventudes Espíritas* o teatro, como elemento de educação artística, de propaganda da Doutrina e de divertimento superior.

Também o outro irmão fez o mesmo,—que a verdade inspirada toca a todos irmanados pelo mesmo ideal!—arrastando-se a mais, porque criou elencos teatrais, escreveu peças de teatro, publicou livros de peças teatrais e agitou ainda mais o programa teatral entre os moços.

*Reformador*, sem se lembrar e sem sentir o belo exemplo e lição de Paulo, a dizer «eu plantei e Apolo regou», a dividir com o irmão o mérito de uma campanha; *Reformador*, tardiamente *conforta* um velho companheiro, para, ferir outro velho companheiro que já fez, no caso em análise, mais, muito mais.

Uma glorificação que desglorifica, não ha dúvida!

A paixão cega e a pretensão desorienta.

Principalmente, pretensão e paixão características de «velha tática de guerra» de um velho programa exclusivista e rasteiro, pronto sempre a alijar os que, trabalhem ou não, produzam ou deixem de produzir, desejam aspirar outros ares e respirar noutros climas de mais evolução e de mais liberdade.

E, quando a «velha tática de guerra» encontra alguém que não quer se deixar alijar facilmente, exatamente por não ser alijável, como será?

E Deus que se apiede de todos nós!

### A Instituição e seus dirigentes

Repetimos: não se deve confundir instituição nenhuma com os seus dirigentes, existam embora muitos confrades que confundem suas atitudes e seus êrros como obra da instituição que dirigem; conquanto haja muita gente que leva faltas e êrros de dirigentes à conta da instituição dirigida.

Pensamos diferentemente.

Por isso é que continuamos discordando dos dirigentes da Federação, por seus êrros e faltas, que se nos afiguram dolorosos, sem que isto possa, de modo algum, implicar hostilidade e inimizade à Instituição.

— Mas, direis vós, em se tratando de uma instituição espírita, cujos dirigentes presumem-se escolhidos pelo Alto, antes da escolha de seus companheiros do

*Conselho Deliberativo* ou da *Assembléia Geral*? ...

Terieis razão se todos os dirigentes fossem, efetivamente, escolhidos pelo Alto, a exemplo de um centro que conhecemos de sobra...

Somos presidente de um centro há 14 anos, reeleito sempre.

Se, amanhã, aparecer outro que possa fazer mais ou melhor do que nós, com que prazer lhe passaremos a direção!

E que fôrça já fizemos, por três vezes, para passar, sem poder, a presidência a outrem!

Agimos assim, porque no regimento interno ou externo do F. E. C. não existe nenhum dispositivo de lei determinando que o candidato a um encargo em sua diretoria, se candidate, 30 dias antes das eleições, e que sôbre sua candidatura se manifeste, ainda, o *Conselho*...

Ora, se procedessemos assim, daríamos provas concretas de que confiamos mais na escolha de nós mesmos do que do Alto. Se procedessemos assim, estaríamos provando que as leis e regulamentos do baixo teriam mais valor, para nós, do que a inspiração do Alto. Se procedessemos assim, seriam provas concretas de que, por faltar-nos a inspiração e a assistência do mais alto, fôrça foi que nos agarrassemos a leis de homens, elaboradas a conluios e *panelinhas*...

Esta, a lógica.

E não ha fugir, com lógica disto.

E pouco se nos dá que ádvenas de tais ou quais direções saiam a lançar contra «velhos amigos e companheiros» insultos e carapuças que bem lhes ficam, a confundir suas intransigências e seus defeitos de desassistidos do Alto com a Instituição, a que foram guindados por homens cheios das mesmas paixões e inferioridades.

A Igreja de Roma também procede assim.

Seus sacerdotes também criam ambientes irrespiráveis, saem, intolerantemente, a agredir, a meias-tintas e carapuças, a tudo e a todos que respiram fora da sua atmosfera e, depois, quando se lhes põe a calva à mostra, é agressão, é insulto à *Santa Madre*.

Quer-se fazer a mesma coisa no Espiritismo.

Mas, não existe, felizmente, vaticanos e sacerdotes no Espiritismo.

Leopoldo Machado.



# Impressões de Leitura

Um livro de Carlos Imbassahy é, sempre, para nós, motivo de grato deleite para o espírito e também para recebermos novas lições, que nos entram pelo entendimento sem esforço nem cansaço.

Ninguém melhor que êle sabe exprimir e concatenar idéias, expôr pontos de vista, de uma maneira precisa e clara, num estilo que é um modelo de harmonia e simplicidade.

*Corpo e Espírito* é o livro que estamos comentando — o último que lemos do consagrado autor do *Espiritismo á Luz dos Fatos*.

Como todos os outros que havemos lido do mesmo autor, esse livro possui algo que não nos deixa esmorecer em meio da leitura, que nos leva suavemente, deliciosamente, ao fim de suas páginas com a mesma impressão do princípio: de delicioso e intenso prazer intelectual. O livro divide-se em duas partes: a primeira — O Corpo — êle expõe, transcreve e comenta fatos atuais e antigos, interpretando-os à luz da moral, da filosofia e da ciência, para levar o leitor à conclusão de que a matéria está subordinada ao Espírito e na dependência das forças psíquicas, das forças poderosas e imortais de nossa consciência interior.

O autor cita vários escritores conhecidos nos meios científicos e espíritas, alicerçando, dess'arte, os conceitos que formula e os pontos de vista a que chega, e aos quais conduz o leitor, sem sentir, impellido suavemente por uma lógica que, apesar de inquebrantável, não possui a aspereza das coisas duras e inamoldáveis: vestida, como sempre, a sua prosa, por um estilo que, não traíndo a verdade, (há escritores que pelo amor às frases bonitas deturpam a verdade) é um grato encantamento para o nosso espírito.

Livro para leigos e adeptos da doutrina «Corpo e Espírito» é, por isso mesmo, uma obra que não pos-

sue a rigidez, o ortodoxismo de certos volumes de ciência e de doutrina, que só agradam e interessam aos que lêem pela mesma cartilha.

\* \* \*

Foi lendo os artigos e os livros de Carlos Imbassahy que iniciei os primeiros passos no conhecimento da doutrina espírita.

Através da prosa máscula do autor de «A' Margem do Espiritismo», entrei em contato com os postulados da 3.ª Revelação.

Versando os mais variados assuntos que se relacionam com a doutrina dos Espíritos, numa leveza e concisão de linguagem que é um prazer para o nosso espírito, pode êle argamassar, em substanciosos ensaios e estudos, o que há de mais denso e profundo acerca do Espiritismo.

Polemista vigoroso, rebatendo as opiniões dos adversários sem ferir melindres pessoais, antes, procurando transformar em amigos os seus contendores, Carlos Imbassahy pulverizou por completo os falsos e falhos argumentos de que se valiam os inimigos da doutrina para quererem aniquilá-la.

Nem uma vez foi vencido nessas lutas memoráveis a que se entregou, não por espírito de combate, mas pelo amor á Verdade e em defesa dos princípios e ideais da Nova Revelação. Ninguém melhor do que Carlos Imbassahy encarna, no Brasil, a figura do trabalhador intelectual espírita. Toda uma existência dedicada ao estudo e á divulgação dos três ramos que estruturam a doutrina espírita — ciência, religião, filosofia — êle é, hoje, um mestre a que não podemos deixar de recorrer, em nossos momentos de dúvida e indecisão.

Luiz Dantas

Terra Nova — Bahia.



# VISÃO E IDENTIDADE

A identidade dos espíritos é um dos temas, talvez o mais difícil de resolver na prática do Espiritismo, tal é a facilidade com que os espíritos podem tomar nomes e aparências de certas personagens que, quando na terra, mereceram todo o nosso respeito e veneração. Pela sua linguagem ou escrito, elevação moral, sinais e outros característicos, muitas vezes, se reconhece a sua identidade espiritual.

Milhares de fatos, já bastante generalizados, têm demonstrado que, criaturas desencarnadas foram identificadas porque se deram a conhecer, em suas aparições, pelos sinais que possuíam no corpo físico.

O corpo *espiritual* de que fala São Paulo, ou o *perispirito* dos espíritos, ou ainda, o corpo *astral* dos ocultistas é o reflexo do corpo material, e tem a propriedade de conservar todas as aparências do corpo físico, após a sua liberdade espiritual. Esta a razão por que um espírito, ao ser visto, se apresenta tal como êle era, quando na terra.

O fato que vamos citar, é um dos que vem em apóio dos princípios pregados pela doutrina dos espíritos :

«Um caixeiro viajante, homem

muito positivo, teve uma manhã a visão de uma sua irmã que falecera havia nove anos. Quando contou o fato à sua família, foi ouvido com incredulidade e cepticismo ; mas, ao descrever a visão, mencionou a existência de uma arranhadura na face.

Essa particularidade de tal maneira impressionou sua mãe, que ela caiu desmaiada. Depois que voltou a si, contou que fôra ela que, sem querer, fizera esta arranhadura na filha no momento em que a depunha no caixão, que, em seguida, para disfarçá-lo, cobrira-o de pós de modo que ninguém, no mundo, estava a par dessa particularidade. O sinal que o seu filho vira, era, pois, prova da veracidade da visão e ela viu nele, ao mesmo tempo, o anúncio da sua morte que, efetivamente, sobreveio algumas semanas depois». (1)

E' preciso reconhecer que o espírito quis fazer aparecer o arranhão, afim de confirmar a sua identidade espiritual. Por isso se diz :

Não há nada mais brutal do que um fato.

SPÁRTACO BANAL.

(1) Vide Leon Denis.

## TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.



# ☀ Livros e Autores ☀

## O ESPIRITISMO E A ENERGIA ATÔMICA

A teoria atômica, no sentido da desagregação do átomo, que não quanto aos pesos atômicos, data, precisamente, de 1807, com o físico inglês Dalton. Com Becquerel, (Antonio Henrique) o 3.º físico dêste nome, afirmou-se como teoria rádio-ativa, através do estudo que o sábio fez no uranio, em 1896. Dois anos depois, G. C. Schmidt positivou que o tório é, como o uranio, rádio-ativo. Já Roegten havia descoberto, em 1895, o Raio X. Mme. Curie, e seu ilustre esposo, realizam, então, estudos seríssimos, a respeito, descobrindo um elemento de maior poder rádio-ativo, irradiador, a que deram o nome de rádio. De peso atômico inferior ao do tório e do uranio, 226. Debierné descobre o actínio em 1899, outro elemento grandemente rádio-ativo. E comprovou-se que os elementos rádio-ativos, por isso mesmo, exatamente, são os de maior densidade atômica.

Vinha a ciência, desde os tempos gregos, explicando que o átomo era indivisível, a partir de sua etimologia mesma: *o que não pôde ser dividido*.

A teoria da desintegração do átomo cria, entretanto, possibilidades do contrário. E descobre-se no átomo outros elementos distintos, os *neutrons*, os *protrons*, os *electrons*. Rutherford expõe sua teoria da desintegração desses elementos, que pôde ser lenta, que pôde durar séculos: os átomos são sistemas complexos, presos por energias fortíssimas, atômicas, de propriedades diferentes. Tal desintegração é que produz a irradiação, de tipo e espécie diferentes por sua vez. Daí, os raios *alfa*, *beta*, *gama*, etc. Ora, se tal desintegração, que pôde durar séculos, se processar imediatamente, eis a explosão atômica. Eis a bomba atômica.

E' uma coisa assim, mais ou menos, que não somos sábio para explicar melhor, a julgar do que poderamos compreender.

E é isso que se lê, mais ou menos, no último capítulo do opúsculo, *O Espiritismo e a Energia Atômica*, que nos chega de Sacramento, R. G. do Sul. O opúsculo traz no alto da capa o nome de Au-

relio Modesto e conta a história de um espírito de luz que déra, no Centro Espírita Fraternidade, daquela cidade, comunicações sôbre a energia atômica, sôbre a bomba atômica.

Somos de um sãotomezismo sem nome a respeito de comunicação espírita.

Mormente, quando trazem nomes bonitos e respeitáveis por baixo e revelações surpreendentes. Não valorizamos as comunicações pelos nomes que as assinam, mas pelo que nelas se contém. E, felizmente, nas comunicações em análise, nada vimos que fugisse da possibilidade, da lógica e da verdade. E aceitamos, perfeitamente, as razões que o espírito expõe para justificar o invento entre os norte-americanos e quasi no fim da guerra. Imaginemos se o invento fosse confiado aos alemães e japoneses! Muito significativo que os americanos, com a colaboração de cientistas alemães, entrassem na posse do invento. Significação que pusemos, claramente, em nossos opúsculos, *DAS RESPONSABILIDADES DOS ESPÍRITAS DO BRASIL e no BRASIL, BERÇO DA HUMANIDADE*.

Uma grande satisfação, para nós, pela prova que tivemos fomos, apenas, um instrumento, embora enferrujado, talvez, para escrever o que escreveramos a respeito do papel da América na formação e vida da Humanidade de amanhã.

O penúltimo capítulo insere um apêlo bem articulado aos espíritas a propósito de suas responsabilidades dentro da Doutrina e da Humanidade. Apêlo que devia ser repetido, *altissima voce*, por toda parte.

\* \* \*

## QUANDO AS ROSEIRAS FLORIAM — *Poesias de Rosalia Sandoval — Rio*

Assistimos já ao fastígio de três escolas poéticas: a lírica, a simbólica, a parnasiana.

Amámos a poesia, lendo Casimiro de Abreu.

Não conhecemos na poesia nacional nada que se compare à jóia de altíssimo valor lírico que é *Os Meus Oito Anos*. Nem no lirismo indianista de Gonçalves Dias, incontestavelmente o mais brasileiro de nossos poetas; nem no lirismo condo-



reiro de Castro Alves, que é, sem dúvida, o maior poeta brasileiro.

E' que, para nós, poesia é emoção da alma, é voz do sentimento, é a arte de sentir e de emocionar-se diferentemente.

A falta de poesia no verso só pôde, para nós, ser atenuada por filigranas de arte, pela beleza dos símbolos e das imagens. Daí, o mérito da escola parnasiana e do simbolismo. Por isso é que o parnasianismo superou o lirismo, o simbolismo fulgiu alto e forte. E Bilac com Emilio de Menezes, e Cruz e Souza com Alfonsus de Guimarães fulgiram, entre muitos, como poetas dos maiores de nossa poética, que são lidos por gente de gosto com o mesmo prazer com que se lê Casimiro, Castro Alves e Gonçalves Dias. Poetas que não passarão nunca, quando já ninguém se lembrar dessa enxurrada de defraudadores da verdadeira poesia, que são os futuristas, os modernistas, na sua maioria...

E tão grande é a enxurrada, que nem a sensibilidade feminina resistiu a ela. Até nossas poetisas — e a alma da mulher é, por força mesma das virtudes emocionais do sexo, mais emotiva! — vão se deixando levar pela falta de gosto, de emoção, de «engenho e arte» que caracterizam o modernismo.

Uma poetiza de velha guarda resiste, ainda, embora sinta que as suas roseiras já não vão dando rosas.

E' Rosalia Sandoval, alagoana de nascimento, mas, residente no Rio, que, de tempos a esta parte, vem publicando em revistas espíritas, belos contos morais, belos versos.

*Quando as roseiras floriam* é o seu livro. Ou melhor, opúsculo, *plaquete*, de 62 páginas, 39 produções diferentes, sem índice.

Mas, livro, que trescala poesia dos canteiros da emoção e do sonho derramados nas suas produções, todas mais ou menos descritivas, líricas, paisagistas, com tonalidades espirituais. Livro cheio de recordações e de saudade. Um escrínio de inocências e de emoções brandas, suaves.

*Quando as roseiras floriam* não é um volume de versos espíritas.

E podia ser, que a poetiza tem engenho e arte, e o Espiritismo é filão de inspiração dos mais apreciáveis, e sua autora é espírita militante.

E como gostaríamos de dizer coisas ainda mais agradáveis, aqui, de seus ver-

soz espíritas, que ela os faria bem feitos, naturalmente, a contrastar com tantas palavras mal rimadas, sem beleza e sem graça, que vão por aí, enchendo folhas espíritas!

\* \* \*

FOLHAS CAÍDAS — *Emiliana Delminda*, «Gráfica Nova Era», Franca, S. Paulo.

Aqui está outro volume de poesias e outra poetiza no rigor do termo.

Poetiza lírica-parnasiana, espiritualista.

E, sobre tudo, uma grande artista, inspirada e emotiva.

Seu parnasianismo lembrou-nos Francisca Julia, que foi, talvez, de nossas poetizas, a que melhor trabalhou o soneto.

Não encontramos similar para seu lirismo parnasiano e espiritualista.

Houve muitos parnasianos que fizeram lirismo com superioridade e beleza emocional.

Nem todos os nossos líricos primaram pela beleza da forma, pelos requintes da arte pura, características do parnasianismo, que difere do lirismo, exatamente pela forma bem cuidada, pelos atavios do estilo, pelos caprichos e filigranas da arte. O parnasianismo é, numa palavra, a escola poética da forma impecável. O lirismo, a poesia de fundo emotivo, sentimental, humano.

Emiliana Delminda reúne, no seu *Folhas Caídas*, as características poéticas das duas escolas. E as reúne com superioridade e prodígios de técnica e de sentimento.

Seu *Folhas Caídas* reúne versos que se lêem com enlevo, com os olhos de artista e de sentimental. Satisfazem por quaisquer prismas. São versos que dificilmente se encontram na musa feminina. E' que, via de regra, a poesia feminina cuida mais das emoções do que das exterioridades. E a forma poética é pura exterioridade. Seu volume está mal revisto, como, de resto — ai, de nós! — são os nossos livrecos. E é dividido em três secções: *Ilusões que fogem*, *Retalhos d'Alma e Saudade do Céu*, selecionando, as três, 49 produções, a maioria sonetos, todos eles bem talhados, nos moldes clássicos do soneto.

Vejamos, ainda que superficialmente, algumas amostras:

Na primeira secção, á página 13, este retalho de uma ilusão fugidía:



Mas, um dia, acordei. Que tempestade  
No deserto sem fim da realidade,  
Onde a rajada me cobriu de pó!

Era isso a vida, o sonho era mentira  
E eu sobraçando minha cruz—a lira,  
Prosegui meu caminho, triste e só.

*Reliquia*, eis outra ilusão dalma, que  
se lê na segunda secção, sentindo com a  
sua autora :

Ai! tudo o vento do destino leva:  
A luz se apaga e, a divagar em treva,  
Erram lembranças que doridas são!

Na vida é tudo assim! Tudo envelhece  
Mas, dentro dalma o sonho não fenece  
E o coração... é sempre o coração.

O soneto *Deus*, da terceira parte,  
tem este fecho :

Deus! na esmola que espalha a mão da  
[caridade,  
na esperança, na fé, no amor e na ver-  
[dade,  
no conjunto estelar iluminando os Céus.

Deus! no celeste azul de esplendida be-  
[leza,  
nas fôlhas de oiro e luz na bíblia — Na-  
[tureza,  
porque tudo revela um Ser supremo —  
[Deus!

A autora é espiritualista de convic-  
ção. E, parece-nos que espírita. Dí-lo em  
versos assim :

E partirei, deixando as desbotadas vestes,  
—o corpo... E ninguem mais se lembrará  
[de mim.

A matéria pertence à terra, entre os ci-  
[prestes,  
a alma—à etérea mansão de luz. oiro e  
[marfim.

E no soneto *Pecado e Justiça* :

O mundo é purgatório e eu venho de ou-  
[tra vida,  
De algum êrro. talvez, buscando, arrepen-  
[dida,  
a luz da redenção nos báratros da dôr.

A Justiça Divina é réta, inexorável,  
e eu (quem sabe?) infame, egoísta, miserável,  
alheia, indiferente à excelsa lei do amor.

Deus, a majestade de Sua criação,  
Jesus, as belezas de seus ensinamentos e  
de suas virtudes, tudo isto sai do volume  
em versos admiráveis de tessitura e de  
inspiração.

Versos de um estro novo, de um  
talento forte, de uma inspiração moça.

Entretanto, a poetiza diz sua idade,  
no soneto *Meu Aniversário* :

Setenta e três. A' sombra de um salgueiro,  
prestes, bem prestes, dormirei de vez,  
e, em novo mundo, lúcido e fagueiro,  
feliz, minha alma viverá, talvez...

Suplicando a morte, canta e prome-  
te assim :

Descerra-me a cortina azul da Eternidade,  
quero, em versos, cantar o mundo espiritual.

Aí está uma bela promessa que, se  
cumprida — e os poetas espíritos só nos  
têm enviado, até agora, conselhos para a  
Terra, afim de podermos ser felizes na  
Espiritualidade — uma promessa que, se  
cumprida, a poetiza poderá, assim, des-  
crevendo maravilhas, firmar um nome e  
um conceito que não tem no meio poé-  
tico, que seu volume não firmará, porque  
não editado, infelizmente, por uma edito-  
ra de largos recursos, em milhares de vo-  
lumes, que levassem, por toda parte, o  
bom gôsto poético e a educação artística  
para a verdadeira arte da poesia.

Não conhecemos a poetiza.

Nem ela nos enviou seu volume.

Enviou-o para esta revista. Ou al-  
guém por ela, de vez que sem dedicatória.

Maior justificativa para uma apre-  
ciação assim, que está aquem dos méri-  
tos da obra e da autora. E já é tempo  
de fazer-se justiça, glorificando-se o valor  
e o mérito, venham eles de onde e de  
quem vierem.

*Leopoldo Machado.*

---

*A morte não é o fim da vida como pensam os incientes, mas o fim de uma etapa e o começo de outra, cuja finalidade é a evolução do espírito para Deus. A morte e a ressurreição de Jesus não têm outro objetivo senão a demonstração da vida eterna aos homens, afim de que eles tomem a verdadeira senda que os conduzirá às esferas dos seres superiores. Essa é a mesma missão do Espiritismo com os seus factos imortalistas. — CAIRBAR.*



# Crônica Estrangeira

## O Velho Stenhouse

Na casa de residência contígua à minha viviam um casal e o pai, viúvo, encontrando-se aposentado por alguns anos.

A filha queixava-se frequentemente sobre as excentricidades e rabujices do pai demonstrando-nos a todos estar um tanto ansiosa por vê-lo fóra dos seus cuidados.

O velho Stenhouse foi na sua mocidade um grande atleta e trabalhou até aos 70 anos como viajante duma importante fábrica, tendo viajado muito pelos principais centros da Gran Bretanha e da Irlanda. Passei muitas horas agradáveis na sua companhia e êle dedicava-me uma certa estima e amizade. Uma semana antes de cair de cama estive na sua casa onde se encontravam o genro, a filha e duas senhoras amigas. O Bill, pois assim é conhecido por nós o genro, tratou de arreliar-me e espicaçar-me, declarando ser um comunista e ateu, não acreditando em religiões de qualquer natureza.

A esposa e as outras senhoras professam a religião protestante, e por mais que tratasse de convencê-los sobre as minhas experiências e provas cabais relativas à sobrevivência, falhei no meu intento. O velho Stenhouse ouviu-me sem pronunciar uma única palavra e ria-se de vez enquanto, fumando o seu cachimbo em frente do fogão.

Em 3 de Dezembro de 1947 caí de cama e o médico confessou que estava realmente doente e que estava certo de que nunca mais sairia da cama. Era agora uma questão de dias ou mesmo horas, e que estivessem preparados para o pior, e o velho contava já seus oitenta anos de idade.

Ao ser-me dito isto pelo genro, eu fui ao quarto do enfêrmo e alí permaneci por algumas horas. Falámos ambos e o velho riu-se muito com as minhas chalaças. Ao voltar ao quarto de baixo, disse à filha e ao Bill que eu era de opinião que o pai não morreria antes do Natal e que de facto estava bem convencido de que êle comeria o seu último Christmas puding cá na terra antes de seguir para o «Além».

No dia seguinte a senhora enfermeira que o visitava diariamente, ao ser

informada sobre a minha opinião, riu-se e censurou-me, pois o velho ja quasi não tinha pulsação e estava realmente «às portas da morte».

No dia do Natal o velho Stenhouse insistiu com a filha para dar-lhe o jantar, o puding, uma laranja e uma chávena de chá. Depois acendeu o cachimbo, e pediu que pusessem o aparêlho de recepção da T. S. F. em operação, pois gostava de ouvir os programas. Que lhe deixassem a porta do quarto aberta. Satisfizeram a sua vontade, e o velho Stenhouse que era escocês, gozou bastante ao ouvir as canções do seu patrício Sir Harry Lauder que êle conhecia pessoalmente. No dia seguinte o médico veio visitá-lo e confessou estar perplexo, mas insistia que nunca deixassem o velho só e que deviam ambos revesar-se, permanecendo no quarto em turnos de quatro horas cada um. Um vizinho e eu prontificamo-nos a ficar no quarto também durante a noite.

No sábado, 3 de Janeiro de 1948 ao regressar a casa à 1 hora da tarde fui informado de que o velho estava muito mal e que já não falava e a ninguém reconhecia. Fiquei no quarto por umas quatro horas e disse à filha e ao marido que me batessem à porta no caso de precisarem de mim.

A's três horas e meia da madrugada de domingo a filha veio acordar-me dizendo que o marido estava no quarto desde a meia noite, e que se encontrava cansado e me pedia para ir ao quarto do velho enquanto êle decançasse. Levantei-me logo e fui deparar com o Bill na cozinha a tomar uma chávena de chá e muito pálido. Compartilhei também duma chávena de chá antes de seguir para o quarto do enfêrmo, e o Bill confessou que o velho durante o tempo em que êle se encontrava na sua companhia, esteve por muito tempo falando com a esposa e várias outras pessoas já desaparecidas deste mundo, e que deitou fóra dos lençóis o braço direito e começou a apertar a mão de vários amigos, dizendo-lhes «adeus» e que estava muito satisfeito por saber que a sua esposa e outras pessoas se encontravam alí no quatro e que estava pronto para os acompanhar.

Segui às quatro horas da manhã pa-



ra o quarto, sentando-me ao lado do velho Stenhouse. Encontrava-se então em estado de «côma». Perto das seis horas olhou para mim, sorriu e com certa dificuldade levantou o braço direito e apontando para mim com o dedo indicador disse enfaticamente: «Fred, Nine óclock». (Fred, Nove horas). Às sete horas e meia o genro entrou no quarto pedindo-me para ir para casa e que, se precisassem de mim me chamariam.

Intrigado com a mensagem recebida do velho, regressei de novo às oito e meia horas, pensando naturalmente que estava chegada a ocasião do seu desenlace fatal. Permaneci ali até as 10 horas, quando a enfermeira entrou na casa e insistiu que eu me fosse deitar e logo que precisassem de mim me chamariam.

Comi o meu lunch ao meio dia e precisamente à meia hora vieram dizer-me que o velho tinha dado o seu último suspiro.

A enfermeira e uma senhora vizinha lavaram o corpo e colocaram-no numa prancha em cima da cama. Minutos depois um vizinho e eu fomos ao quarto para barbeá-lo. Trouxe aquele duas máquinas de barbear com duas lâminas novas, e depois de ensaboarmos a cara não foi possível escanhoal-a. Lembrei-me então de ir a casa buscar a minha máquina, precisamente identica às outras e, com surpresa nossa, barbeámos o velho com a maior facilidade possível!

No final da nossa tarefa tentámos ambos meter a dentadura postiza na boca do defunto, um de nós fazendo isso, enquanto o outro atava um lenço nos queixos, mas por mais que ambos quizessemos fazer isso, foi impossível cumprir com tal missão. E assim... o velho Stenhouse lá foi para a sepultura, sem a sua dentadura!

**Fred. Nine óclock.**

Na quarta-feira, sete de Janeiro, tive que ir a negocios a Spalding, em Lincolnshire, e ao abrir um guia dos Caminhos de Ferro um tanto antigo, notei que o combôio sairia de Manchester às nove horas e vinte minutos da manhã, para chegar a Spalding à 1,50 da tarde.

Como vivo numa aldeia distante de Manchester uns doze quilómetros, levantei-me mais cedo e cheguei à Estação às nove horas menos cinco minutos. Com a

maior surpresa minha, ao olhar para o Horario na entrada da plataforma, vi que o combôio devia partir *às nove horas em ponto!* e não às nove e vinte como mencionado na tabela que tenho em casa!

Ora eu absolutamente nada dissera ao velho sobre a minha visita a Spalding. O que sei de positivo é que o velho Stenhouse viajou por inúmeras vezes por esse combôio!

O sucedido leva-me a crer que, posto que o velho estivesse em estado de côma umas horas antes de falecer, conservou positivamente até ao fim todas as suas faculdades.

Tenho ao mesmo tempo a convicção de que Deus deixou o velho viver por alguns dias mais simplesmente para pregar uma lição à filha e particularmente ao genro.

E... como sequência do que afirmo, este vendeu tudo o que se encontrava no quarto do velho, consistindo duma magnifica mobilia, etc., e no sábado 17 de Janeiro, trocou a casa com a dum vizinho, afirmando-me que não mais podia viver ali!

### Sabichões

Há uma certa classe de indivíduos neste mundo que é conhecida por «O Sabe tudo». Não preciso gastar o papel para escrever sobre muitos casos por mim observados, limitando-me a fazê-lo sobre um que se deu comigo aqui em Manchester. Muito natural é os estimados leitores tenham tido de vez enquanto a desdita de se entrevistarem com um desses «abortos da Natureza»!

Todos sabemos que «a União faz a força» e na questão de fazermos a propaganda do Espiritismo, uma das armas mais poderosas que contamos é a da imprensa. Ora esta não pode viver do ar, mas sim do suporte espiritual e material dos seus crentes.

Antes de entrar propriamente no meu assunto, desejo aqui apresentar os agradecimentos do Editor do Two Worlds e da minha humilde pessoa aos nossos Colegas do estrangeiro que com regularidade nos enviam os seus exemplares. São estes escrutinados por pessoas possuindo conhecimentos linguísticos e depois são distribuidos por sócios do Instituto de Linguistas de Londres, e outras Sociedades e in-



divíduos de várias partes do nosso país. Assim pois se semeiam as doutrinas expostas nesses periódicos e revistas.

Tais periódicos e revistas devem ser sustentados pelos espiritualistas locais e do exterior, e um bom plano de propaganda é deixar os exemplares, depois de lidos, nos assentos dos Cafés, Bares, carruagens do Caminho de Ferro, etc. etc. Há sempre um «curioso que se apodera de tal exemplar e levando-o para casa o lê e... começa a raciocinar» podendo afirmar eu que conheço 4 casos em que três Católicos e um judeu se converteram ao Espiritismo por terem lido certos artigos que os impressionaram muito e o levaram a investigar e frequentar Centros Espíritas.

### Joaquim e o cão Adamastor

Numa das minhas primeiras experiências sobre o Espiritismo, quando presente num «Open Circle», uma senhora expos-me claramente as feições do velho Joaquim que vivia no meu tempo de estudante na Quinta do Olho Marinho, na Avenida da Boa Vista, Paragem do Bessa, Pôrto. Era vizinho e visitava frequentemente essa quinta e na primavera entretinha-me a observar uma andorinha que fazia, isto é, reconstruía o seu ninho perto da porta e da parte de dentro do armazem. Essa senhora fez-me ficar boquiaberto, quando mencionou o nome Joaquim, descreveu a côr do seu cão, e os incidentes de observar a andorinha, etc. Que o Joaquim e o cão se encontravam felizes e me saudavam e continuavam a ser meus amigos.

Publiquei no «Two Worlds» esta interessante narração que foi muito apre-

ciada especialmente por pessoas amigas dos animais. Numa das noites fui a um Centro Espírita onde se demonstrava alí a clarividência num «Open Circle».

Uma das pessoas presentes chamou a atenção da senhora que estava ao lado para um cãesinho que alí se encontrava e cujo nome era «Peter». Esta senhora ficou muito contente pois que o cão tinha morrido sómente uns dias antes.

No final do «Service» dirigi-me à médium e a essa senhora, narrando-lhes o que me tinha acontecido na semana anterior e naturalmente perguntei a essa senhora se tinha lido o exemplar do «Two Worlds» tendo saído naquêle mesmo dia, onde vinha o meu conto. A sua resposta foi esta: — «Não, meu caro senhor. Há anos que não leio jornais ou livros sobre o Espiritismo pois que os conhecimentos que tenho sobre o Espiritismo são mais que suficientes e não preciso perder o tempo em ler as experiências dos outros!»

A médium afastou-se delicadamente de nós. Sorri-me, disse um «Good night» e quando na rua alguém me bateu levemente no ombro direito. Era a médium.

— : Mister Etraud, disse ela, parece impossível, mas é verdade, que aquela senhora com quem falou, tem meios de fortuna, vive sózinha, é uma avarenta miserável, e... olhe, olhe... chamando-me a atenção para o outro lado da rua, lá vai ela sózinha em direção à sua residência.

Tão sóvina que, posto que esteja uma noite frigidissima, em vez de ir no Onibus, vai a pé, percorrendo uma distância de perto de dois quilômetros!

Frederico Duarte.

Manchester — Inglaterra.

## Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr. \$50,00	Do 4.º ano Cr. \$ 50,00	Do 5.º ano Cr. \$ 50,00
Do 6.º ano . . 50,00	Do 7.º ano . . 50,00	Do 8.º ano . . 50,00
Do 10.º ano . . 50,00	Do 11.º ano . . 60,00	Do 12.º ano . . 60,00
Do 13.º ano . . 60,00	Do 14.º ano . . 60,00	Do 15.º ano . . 70,00
Do 16.º ano . . 80,00	Do 17.º ano . . 60,00	Do 18.º ano . . 60,00
Do 19.º ano . . 60,00	Do 20.º ano . . 60,00	Do 21.º ano . . 60,00



# ESPIRITISMO NO BRASIL

## 1.º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil

### Suas Reuniões Preparatórias

Prosseguem, animadíssimas, as reuniões preparatórias do 1.º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil, na sua sede social, Sociedade de Medicina e Espiritismo, à Av. Rio Branco, 4, 15.º andar.

São reuniões que vão dando a impressão de que já se está, efetivamente, em franco funcionamento do Congresso.

### Adesões

Chegam, diariamente, adesões dos movimentos juvenis de mais importância e responsabilidade no Brasil.

De Belém do Pará a Porto Alegre, de todos os Estados em que ha «mocidades espíritas organizadas» virão representantes ao Congresso.

Mais de cem jovens já estão, até o presente, escolhidos para representantes com assento no certamen.

Por isto, e por outros aspectos inéditos do certamen, o «1.º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil» ha de marcar época no movimento espírico do País e do mundo.

### Suas Finalidades Principais

I) Aproximar, cristãmente, os mo-

ços espíritas para a cimentação de amizades puras e sinceras, que desafiarão, de futuro, o tempo e o espaço;

II) Estimular os moços e as «Mocidades Espíritas» para que produzam mais e melhor, a benefício próprio e mais intensa difusão da Doutrina;

III) Transmitir aos jovens consciência religiosa e preparo suficiente, afim de que possam, de futuro, e até



*Aspecto de uma Sessão Preparatória*

com maiores vantagens, substituir os mais velhos na direção do movimento espírita;

IV) Despertar nos moços o gosto pelo estudo e pela arte de escrever e de falar, bem como amor ao trabalho construtivo;

V) Desenvolver nos moços o gosto e tendências artísticas para a arte espiritualista, como elemento de educação e propaganda;



VI) Estabelecer um plano de uniformidade de programas e de trabalho para maior rendimento de serviços a benefício do movimento espírico local;

VII) Criar um Conselho Consultivo, centralizador do movimento de «mocidades espíricas» para orientar e dirigir moralmente, sem formas rígidas e idéias de adesão e filiação, o movimento juvenil do País;

VIII) Estudar as possibilidades de manutenção de um órgão de imprensa, como porta-voz das «Mocidades Espíricas».

nil. Normas que já foram, até, experimentadas com resultados práticos admiráveis, produtivos, indispensáveis.

E procederá assim, sem segundas intenções, sem carácter de exclusividade e sem hostilizar indivíduos e grupos.

### Correspondência

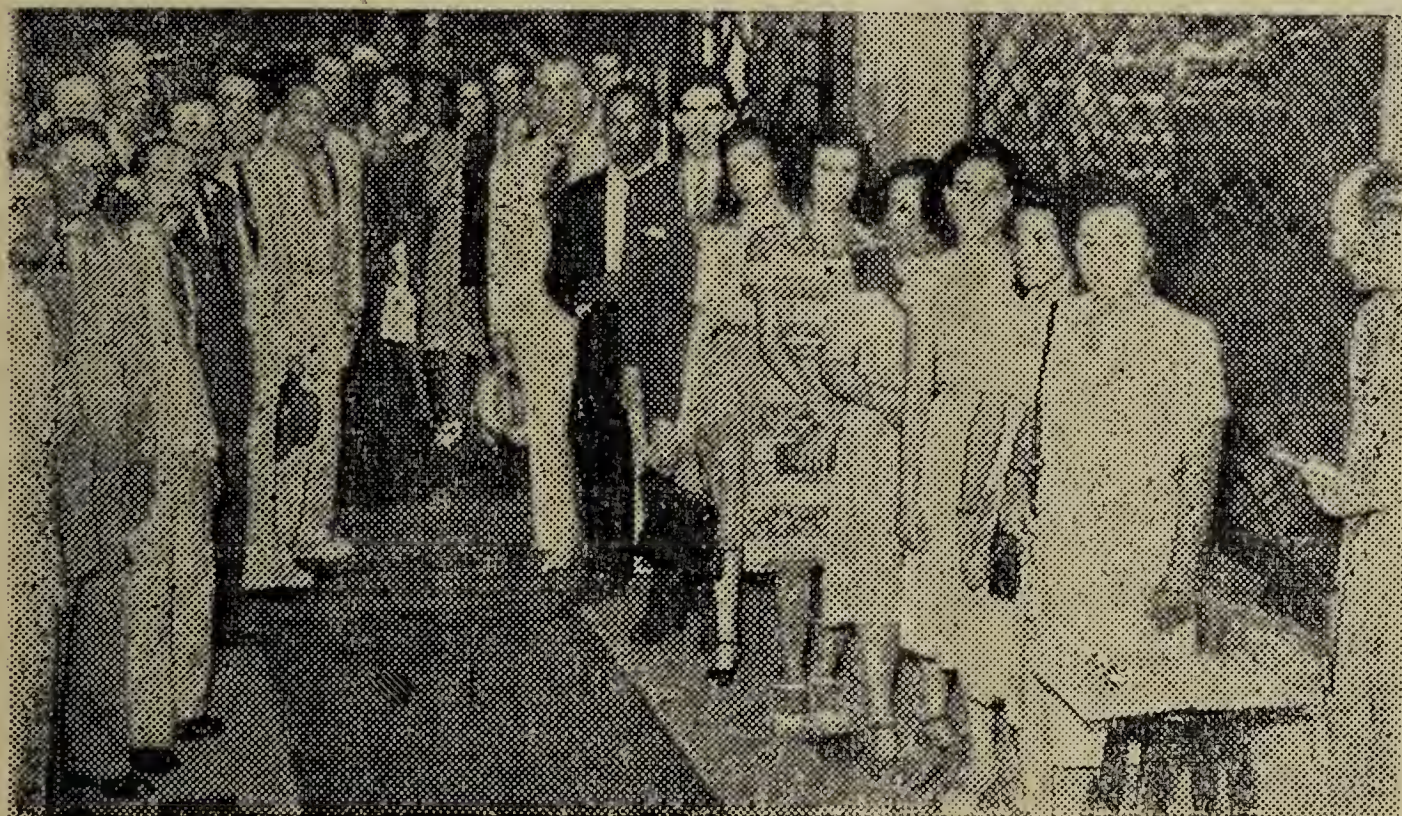
Toda correspondência, pedidos de informações e sugestões, como tudo que se refere ao certamen, e possa interessá-lo, deve ser enviado ao endereço acima.

### Apêlo Final

Joven espírico, ou Mocidade Espírica do Brasil, o Congresso precisa de ti!

Vem, pois, com o teu idealismo sadio e com o teu desejo de acertar, colaborando com êle, que, no final de contas, o maior beneficiado és tu mesmo!

✱



*Jovens e mais velhos aguardando a hora de assinar o livro de presença à entrada de sua séde central, na Sociedade de Medicina e Espiritismo.*

### E'poca do Congresso

Pelas férias escolares de Julho de 18 a 25.

Se, entretanto, passar o projéto de lei que altera as férias escolares para Junho, alterado ficará, concomitantemente, o Congresso.

### Sua Oportunidade

O «1.º Congresso de Mocidades Espíricas do Brasil» surge na sua hora própria, dentro de um imperativo do momento, como fonte de estímulos e incentivos para os núcleos juvenis que já existem e para os que se formarão.

Traçará, portanto, normas seguras e cristãs para o movimento juve-

### Deputado Castro Carvalho

O nosso distinto confrade Dr. Euclides de Castro Carvalho, Capitão-Médico do Exército e Deputado Estadual vem desempenhando brilhantemente a sua missão no seio da Assembléia Constituinte fazendo assim jús à estima e consideração que desfruta entre os seus inúmeros amigos e principalmente entre a grande família espírica. Pautando a sua ação de acôrdo com os preceitos cristãos, o Dr. Euclides de Castro Carvalho pleiteou importantes subvenções para diversas instituições espíricas filantrópicas.

Conforme relação publicada no «Diário Oficial» de 31 de Outubro de 1947, foram as seguintes as entidades



beneficentes, do nosso Estado que foram incluídas na lei orçamentária, para o ano de 1948, afim de receberem subvenções:

Asilo dos Pobres, de Serra Negra, Cr. \$ 60.000,00;

Asilo da Velhice Desamparada de Birigui, 60.000,00;

Asilo de Velhos do Centro Espírita Irmã Terezinha, de Pindamonhangaba, 60.000,00;

Asilo S. Vicente de Paulo, de Descalvado, 60.000,00;

Asilo S. Vicente de Paula, de Itápolis, 60.000,00;

Abrigo Batuirá, de Poá (Mogi das Cruzes) 60.000,00;

Dispensário dos Pobres de Piracicaba, 20.000,00;

União Federativa Espírita Paulista, de São Paulo, 40.000,00;

Federação Espírita do Estado de São Paulo, 40.000,00;

Liga Espírita do Estado de São Paulo, 40.000,00;

Asilo Anália Franco, de S. Manoel, 30.000,00;

Asilo e Orfanato S. Vicente de Paulo, de Franca, 50.000,00;

Lar dos Desamparados, de Baurú, 50.000,00;

Associação das Senhoras Cristãs, de Araçatuba, 70.000,000;

Centro Espírita Amantes da Pobreza, de Matão, 20.000,00;

Albergue Apóstolo Paulo, de Ribeirão Preto, 60.000,00;

Albergue Noturno Bezerra de Menezes, de Cruzeiro, 60.000,00;

Associação Espírita Beneficente «Maria da Luz», de Santos, 40.000,00;

Associação Vila de S. Vicente de Paula, de Itú, 60.000,00;

Assistência aos Necessitados, de Taubaté, 60.000,00;

Núcleo Espírita Irmã Izabel, de Taubaté, 60.000,00;

União Espírita de Ribeirão Preto, 60.000,00.

Orfanato S. Antonio, de Parai-  
buna, 50.000,00;

Sanatório Jesus, de Cruzeiro, 60.000,00;

Sanatório Felício Lucchini, de Birigui, 70.000,00;

Sanatório Américo Bairral, de Itapira, 50.000,00.

Ao Dr. Euclides de Castro Carvalho, que foi distinguido com a insígnia da Cruz de Saude, da Escola Militar «Val de-Grâce», da França, conforme edição do «Diário Oficial», de 28 de Novembro de 1947, as nossas felicitações pela sua brilhante atuação na Assembléia Constituinte, com votos de paz, saúde e crescente progresso espiritual.

\*

## Sessão Comemorativa

O Centro Espírita «Amantes da Pobreza», e a Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» realizaram juntamente, no dia 28 do mês passado, às 20 horas, uma sessão comemorativa da ressurreição de Jesus. Usaram da palavra os companheiros Edo Mariani e Costa Filho e recitaram poesias as seguintes meninas da Aula Espírita: Odete Conceição Pinto, «Deus», Alice Coelho, «Paixão de Jesus»; Evarni Gonçalves, «A Prece»; Edeni Gonçalves, «Ide e Pregai»; Iracema Lopes, «Aos Espíritas», e o menino Jaime Coelho, «Sombra e Luz».

\*

## «Mundo Espírita»

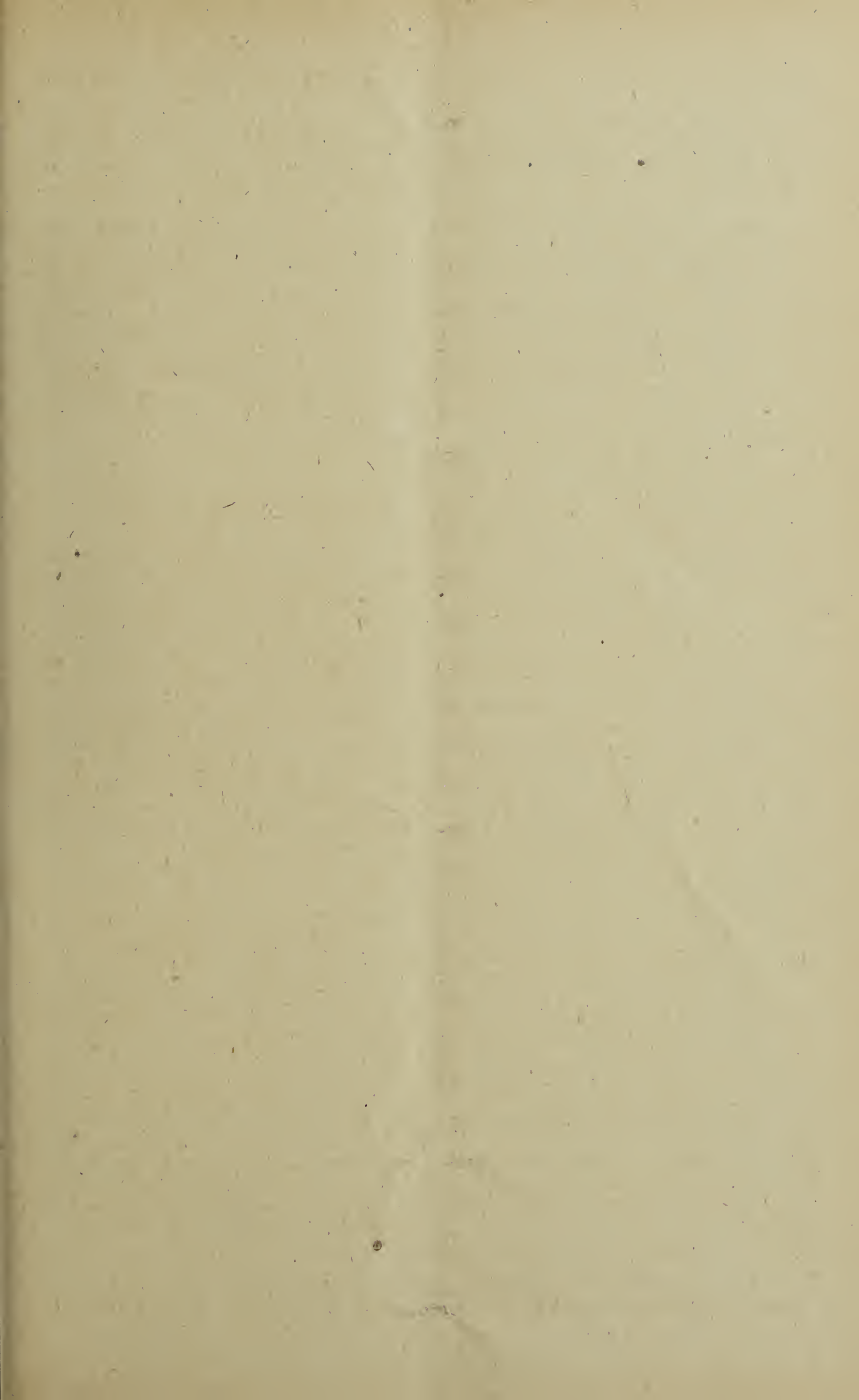
Este brilhante colega, que se publica na Capital Federal, completou no dia 4 do mês em curso o seu 16.º aniversário.

Ao «Mundo Espírita», que desfruta nos meios espíritas de grande estima e consideração pelo seu trabalho perseverante e bem orientado na defesa e propaganda da 3.ª Revelação, as nossas felicitações, com apertado abraço congratulatório ao seu digno diretor e seus auxiliares.

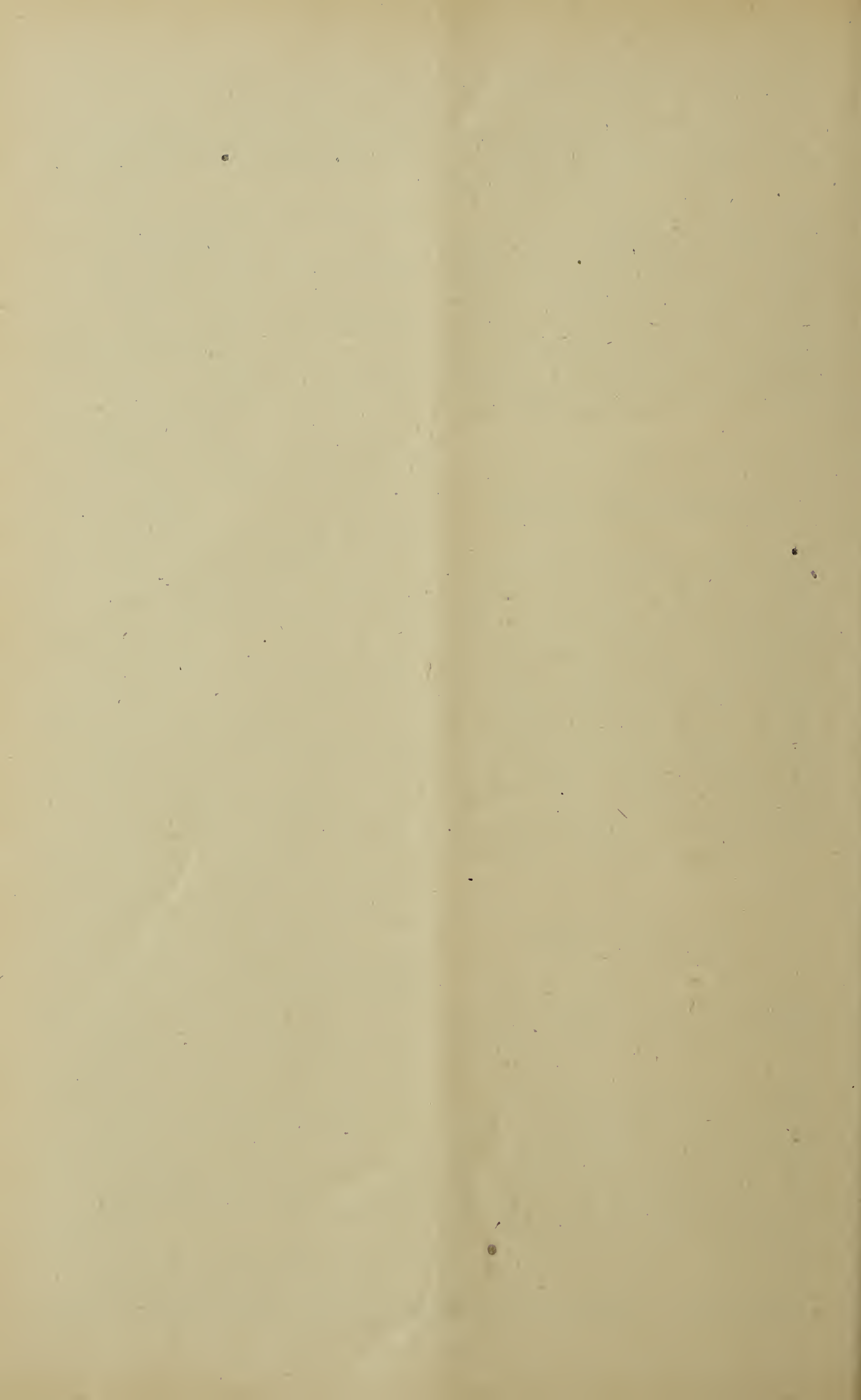
---

*Só é considerado verdadeiro espírita aquele que tiver um comportamento irrepreensível no lar, na sociedade e no trabalho. — CAMARGO.*















# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

*Diretor: José da Costa Filho*

*Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração  
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

## PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.\$30,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	55,00

**NUMERO AVULSO CR. \$2,50**

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

**A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira**

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro







